Vencedor de seis troféus [Direção, Ator (Guilherme Théo), Atriz Coadjuvante (Aivan), Trilha Musical e Montagem, além do Prêmio de Melhor Filme, segundo o júri da Abraccine] na seção competitiva do Festival de Cinema Brasileiro de Brasília e de uma Menção Honrosa no Lúmen – Festival de Cinema Independente do Rio de Janeiro, "Pequenas Tragédias" (2026), terceiro longa-metragem ficcional do cineasta goiano Daniel Nolasco, é o ponto egrégio de uma carreira em constante ascensão: marcada por ângulos maneiristas e utilização despudorada da nudez dos seus atores, a filmografia deste realizador destaca-se pela maneira não condescendente com que aborda trajetórias periféricas de personagens homossexuais e dramas que convertem em possibilidade de vilania os preconceitos e repressões sofridos pelos mesmos – vide exemplo aqui. Neste mais recente trabalho, o diretor volta-se para as memórias de juventude, na cidade em que nasceu e cresceu…

Servindo-se de lembranças balizadas pelo anúncio de que *"em respeito aos mortos, os fatos não foram alterados; em respeito aos vivos, alguns dos nomes foram trocados",* que sexualizam ao máximo o elã felliniano, a narração atribuída a um alter-ego do próprio realizador (a cargo vocal de Geovaldo Souza) esclarece prontamente que *"este não é um filme feliz"*, tal qual antecipado pelo título. Dividido em Prólogo, cinco capítulos, um Entreato (onde ele apresenta técnicas de sobrevivência homoerótica em cidades pequenas) e um Epílogo terapêutico, preenchido por ausências ressignificadas nos espaços até então mostrados, "Pequenas Tragédias" revive as estórias de pessoas que, para o bem ou para o mal, contribuíram para o delineamento reativo da personalidade forte de seu diretor, que, de aparência reservada no dia a dia e em entrevistas, comprova-se, afinal, bastante seguro de si mesmo.

Sem tornar-se indulgente ou comiserativo, nem mesmo em relação a si próprio, o narrador deste filme conjuga breves anedotas, que acompanhar-nos-ão por algum tempo, em impacto emocional, após a sessão: no Prólogo, o personagem do diretor, numa memória dominical de infância, recorda quando, ao assistir a um episódio da quarta temporada do seriado "Barrados no Baile" (1990-2000), deparou-se com a descrição de um 'bar gay' e com a declaração sardônica de um personagem de que "não seria o único" – o quê?! – naquele contexto, o que instaurou-lhe uma sensação de despertencimento citadino, acentuada pelo doloroso instante em que o seu irmão esfaqueia uma árvore, provocando a morte do frondoso vegetal, e que prolonga-se até o derradeiro fotograma, como inversão "vingativa", em que o intérprete Guilherme Théo (devidamente condecorado por sua ótima encarnação

de Daniel Nolasco), sai de uma piscina, usando apenas uma sunga vermelha, num enquadramento do corpo masculino muito recorrente em suas obras.

Guilherme Théo concede ao seu personagem uma fala branda, pausada, além de um olhar perspicaz. que a tudo observa, com um julgamento apenas interior. No primeiro capítulo, "Minha Pacata Vida em Catalão", ele descreve um episódio em que sua integridade física ficou em risco, quando, no supermercado em que ele trabalhava, foi ameaçado por outro funcionário, por sentir-se assediado em meio a uma conversa trivial. E é inteligentíssimo o modo como o cineasta reconstitui esta memória, num cenário a céu aberto, visto que o proprietário do estabelecimento – que o demitira sem os devidos direitos empregatícios – não permitiu que o mesmo fosse filmado. Daí a opção pelo nome "Super Censura", deveras sintético. Após a resolução deste entrevero homofóbico, surge a deixa para o segundo capítulo, assaz breve, que parte de um jargão atribuído à cidade ("*Viver aqui é bom demais!*") para convidar o espectador a enxergar este ambiente por dois olhares distintos, ou imaginando onde o diretor fez sexo ou a partir dos lugares em que ele foi ameaçado de espancamento. É quando narra-se uma situação violentíssima e, assim, o cineasta faz uma radiografia brilhante do cotidiano de um agressor, no terceiro capítulo ("Um Cidadão Comum"), quando tornamo-nos cúmplices visuais do cotidiano de Jonas (Marcelo Camargo), que masturba-se todas as manhãs, no banho, suporta um trabalho entediante e embriaga-se à noite, vingando-se em outrem, por gozarem de um ímpeto à liberdade que ele não permite a si próprio…

Nos quarto e quinto capítulos, Daniel Nolasco desenvolve personagens que mereceriam narrativas à parte: num deles, revive uma transexual de nome Monalisa (Aivan), que vivia confinada em um espaço curto de convivência e, ao ser morta, teve o seu ideal de vestimenta fúnebre desrespeitado; e, no outro, o mais extenso, é refeito o trajeto de convivência com Samuel (Lucas Drummond, seu ator-fetiche), amigo 'nerd' de escola que, repentinamente, decide tornar-se atlético e suicida-se após as más conseqüências dos boatos relacionados à sua contaminação pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), metonimizados através de ventos fortes, em uma metáfora que reforça o teor felliniano do relato. Este derradeiro episódio, "A Beleza de Samuel", contrasta a obsessão do personagem titular por perceber-se bonito – e por depender demais da aprovação alheia, conforme lamenta a narração – à gradual esfacelação de uma antiga amizade, a ponto de ele considerar "coisa de gente velha" quando Daniel, num reencontro imaginário e curativo,

comenta que a paisagem que eles observam, ao pôr-do-sol, faz com que ele lembre de um filme que vira numa sessão auroral da TV aberta, “Férias de Amor” (1955, de Joshua Logan). Conhecer o assunto deste clássico hollywoodiano adiciona um toque extra de dramaticidade a esta produção mui singular, um dos melhores lançamentos de 2026, inteligente, sensível e erótico, que apropria-se habilmente de canções como “Teu Homem”, de Thiago Pethit, “Homem de Neanderthal”, na versão de Ney Matogrosso, e a certeira “Não Recomendado”, de Caio Prado, executada durante os créditos finais. Dentre as faixas eletrotônicas, um título chama a atenção, “I Wanna See My Friends Dicks”, de Jordan Firstman, que sintetiza um estratagema de filmagem mui característico do diretor, que enquadra os seus personagens, positivos ou negativos, por um ângulo genital. Daniel Nolasco é um dos mais inventivos realizadores em atividade no cinema brasileiro contemporâneo – e este filme é um testemunho artístico mui excitante em seus intentos reconciliatórios (e/ou denuncistas). Aliás, são divertidos os interstícios protagonizados pelo DJ russo Serge Bear, em fundo rubro e permeado por fetiches erotógenos, sobretudo cuspidas nas bocas – num dos atos extremos, com sangue em meio à saliva. Além das não tão pequenas tragédias, temos gozos eventualmente fugidios, porém salvaguardadores!

Wesley Pereira de Castro.

Fonte da imagem: ‘print’ de tela em material de divulgação para a imprensa.